

A ILHA E O ESPELHO

Copyright © 2022 por Fausto
Panicacci

Todos os direitos desta publicação
reservados à Maquinaria Sankto
Editora e Distribuidora LTDA.
Este livro segue o Novo Acordo
Ortográfico de 1990.

É vedada a reprodução total
ou parcial desta obra sem a
prévia autorização, salvo como
referência de pesquisa ou citação
acompanhada da respectiva
indicação. A violação dos direitos
autorais é crime estabelecido na Lei
n.9.610/98 e punido pelo artigo 194
do Código Penal.

Este texto é de responsabilidade do
autor e não reflete necessariamente
a opinião da Maquinaria Sankto
Editora e Distribuidora LTDA.

Diretor Executivo

Guther Faggion

Diretor de Operações

Jardel Nascimento

Diretor Financeiro

Nilson Roberto da Silva

Editora Executiva

Renata Sturm

Editora

Gabriela Castro

Direção de Arte

Rafael Bersi, Matheus Costa

Revisão

Leonardo do Carmo, Georgia Garms

Assistente

Vanessa Nagayoshi

Arte da capa

Rafael Mesquita

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA – CRB-8/7057

PANICACCI, Fausto

A ilha e o espelho/ Fausto Panicacci.

São Paulo: Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA, 2022.
304p.

ISBN 978-65-88370-33-9

1. Ficção brasileira I. Título
21-5613

CDD B869

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Ficção brasileira

maquinaria
EDITORIAL

R. Leonardo Nunes, 194 - Vila da Saúde,
São Paulo - SP - CEP: 04039-010
www.mqnr.com.br

A ILHA E O ESPETHO

Fausto Panicacci

maquinaria
EDITORIAL

Este livro é dedicado aos amigos.

“E amanhã não seremos o que fomos nem o que somos.”

Ovídio, *Metamorfoses*, xv, 215–16

“Cremos ser retas justiceiras:

nossa cólera não atinge

quem traz mãos puras.”

Ésquilo, *Eumênides*, 312–14 — Coro das Erínias

“Dai-me uma fúria grande e sonora.”

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto I, 5

“Ao final de 2019, o número de pessoas em deslocamento forçado devido a guerras, conflitos, perseguições, violações de direitos humanos e sérias perturbações da ordem pública havia subido para 79,5 milhões, maior número já registrado (...), nele incluídos 26 milhões de refugiados.”

(United Nations High Commissioner for Refugees, 18 jun. 2020, *Global Trends — Forced displacement in 2019*, p. 8)

“Cerca de um terço das mulheres em todo o mundo sofrem violência física e/ou sexual praticada por um parceiro íntimo. (...) Globalmente, em torno de 137 mulheres são mortas a cada dia por um membro de sua própria família.”

(United Nations Department of Economic and Social Affairs, World's Women 2020, *Violence Against Women and the Girl Child*)

“Mais de 1.400 toneladas de resíduos, incluindo bolsas de sangue, seringas usadas e remédios vencidos devem ser enviados do Brasil de volta para a Grã-Bretanha depois de terem sido exportados ilegalmente pelo Atlântico, disfarçados de plástico reciclável. O lixo perigoso, que também inclui restos de equipamentos eletrônicos, baterias de carros e fraldas sujas, foi descoberto em 89 contêineres espalhados por três portos da costa sul do Brasil, após ter sido enviado da Grã-Bretanha, entre fevereiro e maio deste ano, rotulado como plástico inofensivo.”

(The Independent, 18 jul. 2009, Hazardous waste from UK ‘dumped in Brazilian port’)

Eu tinha apenas aquela tarde para decidir. Era um daqueles singelos momentos que nos permitem edificar o destino; momentos em que, na solidão de um quarto, de um banco de praça, de uma estação de trem, na solidão acompanhada ou desacompanhada, aflitiva ou entusiasmada, percebemos que algo precisa acontecer; algo que nos leve à comunhão com O Outro, ao pulsar das experiências, das conquistas, das alegrias — e das dores, das derrotas, das cicatrizes; algo que nos faça querer ser, genuinamente, Humanos — com todas as contradições que essa palavra arrasta.

Nós estávamos no Cork, antigo bar de São Paulo remodelado como pub irlandês, e a ventania incomum havia espantado os clientes de domingo. Éramos apenas eu, os dois bons amigos de infância com os quais fazia um almoço de despedida, a cozinheira, que já encerrara os trabalhos e desapareceu lá para os fundos, a gerente e o desconhecido que com ela conversava no balcão. Gigantescas bigornas cinzentas acumulavam-se no céu, indicando o iminente dilúvio; o vento fazia bater as portas e agitava as árvores, arrancando as folhas que o outono não levava, e o frio incentivava-nos a beber. Um relâmpago seguido de estrondo fez cair a energia e o gerador foi ligado, acendendo a parca iluminação de emergência; embora não passasse de duas da tarde, com a torrente que se prenunciava ficamos quase no escuro, sentados num canto, envolvidos pelo aroma de madeira nova. Alguns quadros balançavam na parede e a gerente gritou à cozinheira; elas travaram portas e janelas, e a cozinheira virou a tabuleta para “fechado”, dando-me a sensação de fim de alguma coisa. A apenas dois dias de deixar o Brasil por anos, eu tinha dúvidas se fizera a escolha certa, pensava

em desistir, estava angustiado. A gerente também era uma boa amiga, sabia das minhas angústias, queria ajudar: ela veio até a mesa e disse que o homem no balcão havia morado na Inglaterra e gostava de contar sobre sua vida por lá; ofereceu-se para trazê-lo até nós. Fiquei irritado com aquilo: não queria desperdiçar a tarde com uma pessoa da qual jamais ouvira falar — precisava resolver se tomaria ou não o avião para Londres na terça-feira, e esperava que a conversa com os amigos pudesse aclarar as coisas. Mas, olhando para o desconhecido, cuja imagem era duplicada pelo espelho da prateleira de garrafas, por algum motivo insondável não consegui dizer não. A gerente voltou com o tal sujeito, que nos foi apresentado como Theodoro Boaventura, também chamado de “Theo B.”. Ele não teria mais de quarenta anos; tinha ombros largos, cabelos aparados curtos, a barba por fazer e, ali, em pé, dentro da jaqueta de couro da qual pendia um maço de cigarros, parecia um piloto da Segunda Guerra em dia de folga. Já o vira no pub uma vez, na semana anterior, rodeado de pessoas, mas só agora notava em seu rosto, bordejando os olhos, algumas manchas de sol. O sujeito parecia mancar — mas muito discretamente. Indiquei-lhe uma cadeira e ele se sentou em silêncio. Eu também fiquei em silêncio, girando entre os dedos a rolha do vinho. A cozinheira tirou os pratos da mesa e trouxe uma rodada de cerveja escura, enquanto a gerente apanhou uma garrafa de uísque irlandês e seis copos. Com todos sentados, trocamos informações triviais sobre os motivos da minha viagem, mencionei por alto minhas dúvidas, erguemos as cervejas, e o sujeito que nosalaria de sua vida fez um brinde pomposo: “Ao espírito humano, que só se realiza nos desafios”. Confesso não ter ficado nada empolgado: a vida

e os desafios “dos outros” eram algo que não me interessava naquele momento. Ao menos não até ouvir o relato do desconhecido. Porque não foi um brevíário turístico, mas a narrativa de alguém que, falando tão particularmente de si, parecia falar de todos nós, conclamando-nos a reverenciar a existência do outro, próximo ou distante, amado ou esquecido, amigo ou desconhecido, como se o tal Theo B. se adivinhasse um pouco em cada um de nós, apelando ao nosso senso de amizade e de pertencimento, às nossas aspirações segredadas, à solidariedade que entrelaça corações tão díspares e distantes, num convite a que resgatássemos nossa humanidade no que ela tem de essencial, nas dores e belezas de nossa falibilidade, na imperfeição da qual a esperança, a eterna e inquebrantável esperança, é contrapartida.

Lembro que a chuva já dardejava as vidraças quando o uísque foi servido; nós dissemos algo tolo sobre o tempo, batemos os copos, e, então, Theo B. começou a contar.

O relato de Theo B.



I

O DUPLO

1

TUDO COMEÇOU NUM LUGAR COMO ESTE: eu havia sido mandado para a Inglaterra pelos motivos errados, suspeitava de trapaças no escritório, e as coisas se complicaram quando conheci um fotógrafo de aparência insólita, uma mulher que sorria mesmo quando chorava, e outra, que queimava mentiras.

Naquele tempo minha felicidade inglesa se resumia a ir a reuniões com outros advogados, escrever artigos para a pós-graduação, beber com desconhecidos que encontrava no Wordsworth College e contemplar Cambridge do meu quarto com vista para a ferrovia. E foi no conforto desse invejável modo de vida que, numa noite escura de novembro, fui parar no The Eagle, o pub onde tudo iria começar.

Lembro-me de ver as torres pontiagudas do King's College perdendo-se numa névoa antes de eu dobrar na Bene't Street. Passei por um sujeito maltrapilho de cabelos alourados que escapavam sob a touca vermelha; sentado num *skate* e com a imagem refletida numa poça d'água, ele segurava um papelão no qual se identificava como refugiado, afirmava não poder voltar a seu país por perseguição política, pedia ajuda. Olhou-me. Eu tinha dinheiro no bolso, mas nenhuma moeda, então continuei andando, impulsionado por alguma soberba justificativa para

não dar esmolas. Mas fui confrontado pela inelutável convicção de que carecemos demais uns dos outros — somos todos refugiados. Estando numa terra estrangeira, na solidão, o que me ligava àquele sujeito de roupas amarrotadas? O que nos liga a todos? Só no outro se tem um espelho — pude ver-me no olhar do refugiado.

Não há desafio maior do que olhar para o outro.

Retornei à esquina, mas a situação se resolveu de outra forma: o sujeito não estava mais lá. Entrei de novo na Bene't Street, onde se ouvia apenas o som dos meus passos e da barra do sobretudo que, conforme eu andava, roçava meus joelhos; passei pelo The Eagle, que exalava cheiro de madeira encharcada de cerveja ao longo de séculos, e um minuto depois por uma escola de Fotografia, em cuja lateral vi uma moto velada por sombras. Mais alguns passos e cheguei ao restaurante que me haviam recomendado. Fechado para reforma. Dei meia-volta, agora decidido a tomar um lanche na ponte da Silver Street.

Eu não estava longe da esquina na qual vira o refugiado quando escutei alguém gritar: “Ei, Lucca”. Os gritos se repetiram, então me virei e vi um rapaz à porta da escola de Fotografia, montado numa bicicleta, acenando para mim e chamando: “Lucca, Lucca, me espera”.

Ele aparecia e desaparecia em meio à névoa intermitente na rua dominada pelo silêncio.

Olhei ao redor, mas não havia mais ninguém por ali; na certa o rapaz da bicicleta estava me confundindo com outra pessoa. Retomei os passos e os gritos para o tal “Lucca” continuaram a vir, cada vez mais próximo, repicando nos velhos prédios de tons beges. Quando eu atravessava a rua, bem em frente ao The Eagle, ouvi um derrapar no asfalto molhado

e senti algo bater em meu tornozelo. O rapaz da bicicleta trazia um largo sorriso, que definhou ao me encarar. Eu estava prestes a xingá-lo.

— Lucca... — disse o rapaz de vinte e poucos anos.

Ele vestia uma blusa de lã preta desbotada, tinha acentuada heterocromia ocular — um olho muito verde e o outro muito castanho — e, depois de recobrar o fôlego, passou a mão no cabelo espetado e completou:

— Mas... você não é o Lucca...

Disse a ele que não era e pretendia continuar não sendo, principalmente se isso fosse me render atropelamentos por bicicletas. Atônito, o rapaz balbuciou “mas é idêntico...”, pediu desculpas por ter-se confundido e pela batida, e explicou que tinha um amigo italiano chamado Lucca Merisi, do qual, de longe, eu parecia ser gêmeo — e, de perto, um irmão mais jovem. Retruquei que não conhecia nenhum Lucca, nem ninguém com aquele sobrenome, e que jamais estivera na Itália. Ele propôs me pagar uma cerveja para compensar a dor no tornozelo. Não havia por que não aceitar.

O rapaz foi até a calçada oposta e, enquanto travava a bicicleta na grade de ferro da igreja de St. Bene't, se apresentou para mim; mas não consegui compreender seu nome e me limitei a dizer-lhe o meu.

— Não sabia que furtavam bicicletas por aqui.

— Não furtam — disse o rapaz, voltando-se para mim. — Minha preocupação é com os bêbados engraçadinhos que saem dali.

Entramos pela porta frontal do pub, de acesso ao vestíbulo de madeira envernizada, repleto de quadros e brasões que davam ao lugar ares de biblioteca suntuosa; conforme penetrávamos no espaço labiríntico o cenário ia mudando, tornando-se mais rústico, com pilares de madeira

lavrada, lareiras de tijolos aparentes e um painel que exibia bridões e rédeas evocando aventuras medievais; superadas as alas de não fumantes, passamos ao largo da porta que se abria para a área descoberta, e então chegamos ao cômodo dos fundos, a histórica e enfumaçada sala conhecida como RAF Bar, onde as paredes de amarelo-vivo ostentavam fotografias da Segunda Guerra Mundial. Sob a guarda do teto ocre com inscrições extraordinárias, o balcão marrom em “L”, carregado de torneiras cromadas, e o velho relógio circular, eternamente parado em quinze para as onze, saudavam-nos com sua atemporalidade.

Arrastado pelo rapaz, que trazia uma mochila cinza nos ombros, aproximei-me da mesa situada no vértice oposto ao do balcão, e ali pude ver duas belas mulheres e as costas vigorosas de um homem de camiseta preta. Meu atropelador disse “vejam isto”, apontando para mim, e as duas mulheres pararam de falar e me olharam com estranhamento. O homem se pôs em pé e se virou. Era um absurdo! Salvo por ele ser uns centímetros mais alto e aparentar alguns anos a mais que eu, o sujeito era idêntico a mim — e vocês podem imaginar com que cara de otário eu devo ter ficado. O homem se mostrou perplexo; depois sua face ganhou um ar perquiridor, com a mandíbula deslizando de um lado para o outro, raspando dentes com dentes, e me preparei para levar um soco; mas ele soltou uma gargalhada e disse, numa voz espessa e rouca:

— *Una copia. Io, cinque anni fa!* — e me cumprimentou com um abraço de alegria desmedida, apertando-me e me arrancando do chão.

Só depois de me devolver ao solo ele traduziu para o inglês o que havia dito em italiano — que eu era uma cópia, algo como ele mesmo, cinco anos antes.

Incrédulo, olhei para o sujeito. Ele tinha olhos apertados parecendo dois riscos abaixo da testa reluzente, cabelos castanhos aparados à máquina, um queixo férreo de pugilista e o rosto emoldurado por fios de barba de três dias. A semelhança entre nós era inegável, mas havia naquela face uma expressão selvagem, destemida, de algum mitológico herói pré-cristão.

— *Este é o Lucca* — disse o rapaz da bicicleta, segurando no ombro do homem. — E esse é “Theodore” — prosseguiu, apresentando-me. — Lucca, acabei de fazer um novo amigo. Atropelei-o há pouco e devo a ele uma cerveja.

Com o dorso da mão crestada de sol, repleta de cicatrizes, o tal Lucca deu uma batida em meu peito:

— Theodore, é?

— Na verdade, Theodoro — respondi.

— Algo mais?

— Theodoro Boaventura.

— Muito comprido. Aqui você será “Theo B.”. Venha beber com a gente!

Apoiando-se em uma das pernas, ele girou o corpo como uma porta a se abrir para as duas mulheres.

As moças se levantaram e se apresentaram. Lily Godwin tinha os cabelos lisos e escuros esparramados pelos ombros, com a franja cortada reta na linha das sobrancelhas, e uma expressão de bom humor, apesar do semblante cansado. Jamais me esquecerei daquele rosto quadrado, dos olhos âmbar que combinavam com aquele lugar e com qualquer outro, e da brandura com que falou “bem-vindo”. Já Stella Caulfield,

embora refinada, foi bastante árida: ajustou os fios castanho-claros num rabo-de-cavalo, deixando à mostra o pescoço rosado, cumprimentou-me dizendo apenas “oi” enquanto recusava uma ligação no celular, e por um instante me olhou como se soubesse tudo sobre mim. Ambas eram inglesas e da mesma idade — trinta e três anos, como eu saberia depois, apenas dois a mais que eu. Tirei o sobretudo, que pendurei num gancho na parede, sentei-me ao lado do tal Lucca, de frente para as mulheres, e o rapaz da bicicleta puxou até a ponta da mesa uma cadeira, na qual largou sua mochila; anunciando ter recebido o salário naquele dia, ele foi buscar uma rodada de Guinness.

Depois de algumas piadas sobre minha similitude com Lucca, a conversa foi tomada por aquela baboseira a respeito de onde eu vinha e o que fazia ali. Contei-lhes que o escritório para o qual trabalhava em São Paulo precisava de alguém que pudesse se deslocar a Manchester de vez em quando e, como eu dissera aos chefes que queria atuar na unidade de Nova Iorque, os sábios decidiram por mim que não faria diferença alguma morar nos Estados Unidos ou no Reino Unido, e mandaram que me mudasse para a Inglaterra e arrumasse algo para passar o tempo — com tudo pago. Não fiquei decepcionado. Assim que fui admitido num programa de pós-graduação em Cambridge, fiz minhas malas.

A conversa prosseguiu com biografias resumidas enquanto eu comia uma torta de carne cozida na cerveja — *steak & ale pie* — recomendada por Lily, que se entretinha deslizando os dedos pelo vidro da janela na qual a condensação construía, pelo lado de fora, uma teia de gotículas interligadas como num colar de pérolas. Soube então que Lily era psicóloga, trabalhava à exaustão, irritava-se com seus sessenta quilos — “seis acima

do ideal para a altura”, segundo ela me disse —, e estava desanimada com o trabalho; quando falava comigo, no entanto, ela sorria, serena, e seu semblante iluminava-se como faróis de carro numa fotografia de longa exposição. Lily ria em três atos, “ri, ri, ri”, com fluidez de água, começando calmamente, aumentando o tom no “ri” do meio, mais sério, e extravasando no último “ri”, denso como se em transe, de forma que completava o arco num “ri, ri, ri” engraçado. Ria em três atos para a vida. Ria em três atos como se guardasse, para mim, um grande segredo. E assim evocava algo juvenil, não realizado ou perdido, como uma namorada com a qual se sonha aos quinze anos, mas só se conhece depois dos trinta. A primeira impressão que tive dela foi a de ser alguém que jamais faria algo errado, que flutuava sem nenhum fermento, nenhuma dor, nenhuma cicatriz. É claro que eu estava enganado.

Lily nos deixou por um momento para atender ao celular e, após alguns minutos, passou por nós, rumo ao toilette, com os olhos marejados. “De novo o idiota do namorado francês”, ouvi Lucca dizer, e foi frustrante descobrir que uma mulher daquelas já tinha um idiota.

Stella postava-se bem à minha frente; de ares esnobes, era meticulosa a ponto de pegar a taça de vinho branco com os dedos sempre na mesma posição, e sua beleza intelectualizada dava a ideia de uma mulher inatingível, embora a sisudez do rosto diamantado se desfizesse nos raros momentos em que sorria, quando surgiam tênues covinhas infantis. Poderia ser definida como enigmática — o que nada define; mas era também revelada por uma expressão: *excitação controlada*. Ela fumava devagar, soltava e prendia os cabelos com uma fivela cor de prata e recusava seguidas ligações enquanto flanava pelo pub com a silhueta marcada

pelo tailleur cinza. O que mais me chamou a atenção foi seu cacoete: de tempos em tempos, Stella se acariciava passando as unhas pontiagudas pelas costas da outra mão, com os dedos emulando os tentáculos de uma água-viva a se deslocar, como se dissesse ao mundo “aqui será de outro jeito”. Não demorou para que eu colecionasse a segunda frustração da noite, ao notar, em meio à profusão de joias, uma aliança de casamento.

Lily retornou, ainda de olhos úmidos, e percebi que todos na mesa deixaram de fitá-la. Eu não tinha por que não olhar para ela, e, ao ver aqueles olhos, quis consolá-la de alguma forma; mas os papéis se invertem e foi ela quem deu um suave aperto em meu braço, sorriu e disse:

— Está tudo bem.

Esfregando a palma da mão na quina da mesa ganhei uma farpa. Lily puxou para trás as mangas de seu terninho preto, permitindo-me ver tatuado no pulso direito um relógio de algarismos romanos, sem os ponteiros; inclinou-se para frente, abrigou minha mão na concha que fez com a dela e, usando como pinça as unhas curtas esmaltadas de azul-escuro, salvou-me do intruso fragmento de madeira.

— Por que tatuou um relógio sem ponteiros? — perguntei.

— Não quero a vida medida em múltiplos de sessenta: sessenta segundos, sessenta minutos, os sessenta quilos que odeio. Prefiro o salto no instante.

Lily... Vivemos essa ilusão de que o tempo passa em ponteiros de relógio, como se fosse uma corredeira arrancando seixos às margens ou uma locomotiva que contabiliza os dormentes deixados para trás. Mas somos nós — e não o tempo — a água que corre entre as pedras; somos nós a composição que se despede das estações.

O álcool acendeu a conversação, que era a todo momento interrompida por alguém que vinha à mesa cumprimentar Lucca, e ele precisava explicar que não, eu não era um irmão, nem mesmo parente. Hesitei em perguntar diretamente o nome do rapaz da bicicleta, observei como os outros se referiam a ele, fiz algumas questões oblíquas, e enfim descobri que se chamava Halil, tinha um sobrenome esquisito e comprido iniciado pela letra S, e por isso às vezes o chamavam de “Halil S.”. Era turco, passara um ano em Cambridge estudando inglês e agora cursava o mestrado em História Europeia Moderna; trabalhava como garçom num restaurante no centro da cidade e andava preocupado com a renovação de seu visto, que demorava mais que o esperado para sair. O nervosismo ao mencionar isso o fez derrubar um copo na mesa.

— Está tentando substituir Joe? — perguntou-lhe Stella, algo que não entendi no momento.

— Seria desastroso, não? — retrucou Halil, passando a mão na lateral do cabelo.

Ele carregava aquele entusiasmo tão peculiar à juventude, e tinha até uma espécie de bordão otimista, “algo de bom virá” — um bordão que se revelaria perigoso para ele. Valorizava cada aspecto da vida que conquistara no país, e tentava mimetizar a cultura local, não raro imitando gestos e falas dos ingleses. Por ele eu soube que o grupo possuía mais um componente, o tal Joe, um inglês que tivera compromisso em Londres e por isso não viera naquela noite. “Joseph Truman Baines”, disse Halil, com acentuado sotaque britânico, e pelas risadas que provocou pude perceber que o amigo ausente era alguém tão formal a ponto de querer ser chamado sempre pelo nome completo.

Halil colocou sua mochila sobre a mesa para guardar a carteira; um jornal se insinuou com a abertura do zíper e Lily o apanhou. Ela começou a ler a matéria de capa, depois correu algumas páginas e fixou os olhos, com um leve tremor das maçãs do rosto; desviou o olhar para Lucca com expressão de assombro, voltou à matéria, tornou a olhar para Lucca. Ele a encarou, e ela baixou os olhos. Havia algo ali.

Perguntei como todos tinham se conhecido, e me explicaram que Lucca era professor dos módulos avançados na escola de Fotografia ao final da rua, enquanto Lily, Stella, Halil e o tal Joe, seus alunos há três semestres. A conversa então derivou para passeios fotográficos que eles haviam feito juntos nos arredores de Cambridge. A seguir, Lucca relatou os perigos que correra ao fotografar o Etna em erupção.

— Como foi parar lá? — perguntei.

— É um projeto no qual acompanho cientistas a regiões de atividade vulcânica, com cobertura da National Geographic — disse Lucca, cuja sombra se dobrava na mesa, perto do meu braço.

— Faz isso sempre?

— Já fomos a sete das dez localidades previstas. Faltam uma ilha nas Filipinas, outra em Papua-Nova Guiné e as montanhas Virunga, na República Democrática do Congo.

— Deve ser um trabalho fascinante.

— É um trabalho como qualquer outro.

Lucca empurrou um cinzeiro, e pude ver que tinha dois dedos da mão direita bastante amarelados, característicos de quem fuma cigarros até o filtro. Quando ele deixou a mesa para buscar cervejas, Lily se voltou para mim e disse:

— Ele está sendo modesto. Vive a receber propostas de grandes revistas. Sempre foi um fotógrafo promissor. O mais jovem a ter destaque na Magnum Magazine. Já circundou o mundo fotografando, mas parou depois de um trabalho como correspondente na Guerra da Bósnia.

— Guerra da Bósnia... — espantei-me.

— Mas esse é um assunto proibido.

— E por quê?

— Ninguém sabe. Ele se recusa a falar. Sabemos apenas que, depois da Bósnia, jamais tornou a cobrir conflitos. Por alguns anos fotografou modelos na Itália, mas ficou entediado e se mudou para cá. O único trabalho que aceita além de dar aulas é esse dos vulcões, e apenas porque já tinha se comprometido com a revista.

Aquilo me inquietou: fotografar zonas de conflito e vulcões em plena atividade exigia vocação para aventuras, e minha imaginação derivou para cenas nas quais Lucca — ou eu mesmo — enfrentasse perigos num mundo esplêndido, repleto de lugares exóticos, línguas estranhas, grandes companheiros, respeitáveis inimigos, enigmas, desafios. O tal espírito aventureiro, no entanto, roubara-me o pai quando eu tinha apenas três anos, e um cenário de guerra — um cenário com *tiros* — era o último lugar da Terra ao qual eu desejaria ir.

Halil perguntou sobre meu trabalho. Falei de reuniões e relatórios, esforçando-me para mostrar entusiasmo; obviamente nada disse sobre a terrível suspeita de que alguns contratos acobertassem remessas de lixo tóxico para outros países.

— Para você é desafiador? — perguntou-me Lucca, que acabara de se sentar.

— Sim, muito desafiador.

— Eu não serviria para trabalhar com leis — disse-me ele, levantando-se para cumprimentar mais alguém.

— Nem eu para trabalhar em lugares perigosos — retruquei.

Lily disse nunca ter se interessado por Direito, e quis saber o que me levava à advocacia.

— Uma tragédia familiar.

— Incomoda-se de falar sobre isso?

— Não mais.

— Apenas se quiser.

— Tudo bem... Minha mãe ficava fora o dia todo, e eu, em casa com um avô que não tinha lá muito jeito com adolescentes. Ela era contadora numa empresa que se mudou para um centro comercial recém-inaugurado; duas semanas depois, um deslizamento de terra arrastou o prédio. Doze mortos, dezenas de feridos, e minha mãe não pôde mais andar, além de sofrer profundos ferimentos no rosto e perder parte da audição. Descobriram que o prédio havia sido construído com ferragem subdimensionada, e numa encosta desmatada ilegalmente. Diversas famílias ficaram na penúria, inclusive a minha, e a ação de indenização tomou anos. Decidi ser advogado de causas como aquela. Mas acabei num escritório especializado em contratos internacionais e planejamento tributário.

— Lamento por sua mãe — disse Lily, a única que pareceu ouvir o que contei.

Houve um silêncio baço, e ela se empenhou em afastá-lo:

— Deve atuar em casos empolgantes.

— Sim, claro.

— Você não foi muito convincente.

— Não fui?

— Por que faz isso? — perguntou-me Lily, sorrindo.

— O quê?

— Passa a mão no queixo, afagando um inexistente cavanhaque, como se estivesse se defendendo de algo.

— Sério?

— Fez isso há pouco quando disse que seu trabalho é muito desafiador. E repetiu agora.

— Não sei o que quer dizer.

— Você sabe — intercedeu Stella, que eu julgava não estar prestando atenção à conversa.

— Sei o quê?

— O que a polidez de Lily não permite que ela diga.

— E o que seria?

— Você afaga o queixo quando *mente*.

A vertigem que havia se insinuado quando ouvi os relatos das aventuras de Lucca se manifestou novamente com essa acusação de Stella, fazendo emergir a aflitiva ideia de que eu me desviara dos meus propósitos originais, do idealismo que, sonhara eu quando mais jovem, seria o cerne da profissão. Em minha defesa, disse a mim mesmo que aceitar aquelas circunstâncias era prova de maturidade, que eu era privilegiado por trabalhar em algo de que ao menos não desgostasse, que aqueles arroubos juvenis tinham mesmo de ser domados. Mas, sutilmente, como a névoa que eu vira envolver as torres do King's College, fui pouco a pouco rodeado por uma bruma, pela ideia, melhor, por uma sugestão

segredada, quase inaudível, de que minha vida podia ser uma falha, de que tudo para o que me preparara talvez estivesse trazendo apenas o contentamento morno dos descontentes. E hoje posso dizer a vocês algo sobre o que idealizara quando jovem — e sobre o que veio depois... As maravilhas do passado não deixaram de ser belas; nós é que nos tornamos insensíveis a elas. Não é porque algo foi abandonado que já não serve mais; pode ser que nada nos sirva melhor...

Acendi um cigarro, que peguei de um maço jogado na mesa. Eu não fazia aquilo há anos — havia deixado de fumar logo após o término da faculdade, por insistência de uma namorada. Interessante como algumas pessoas passam por nossa vida por um curto período, fazem-nos uma coisa boa, e depois vão embora. No caso, a coisa boa foi ela ter ido embora.

Lily e Halil falavam sobre o tal Joe quando Lucca trouxe outra rodada de cerveja e propôs que brindássemos “às novas amizades”. Grandes amizades...

É ilusório pensar que essa efêmera aventura que é a vida será trilhada com os que amamos: um a um, nossos companheiros nos são arrancados. Mas é pretensioso pensar que o faremos sem eles: o amigo, o inimigo, o amor de uma tarde ou de toda uma existência, o “outro eu” que nos confronta — todos os “outros eus” que nos habitam.

A única forma de compreender algo do ser humano é se dispondo a acreditar em estados contraditórios.

Por uns instantes fiquei alheio à conversa, observando as inscrições feitas com vela e batom no teto do pub: sessenta e dois anos antes, em plena Segunda Guerra Mundial, combatentes aliados registraram ali sua passagem — para muitos, a última coisa que escreveriam na vida — às vésperas de embarcarem na costa inglesa para logo desembarcarem

na Normandia no Dia D. Lembro-me de alusões a nomes de pessoas, companhias, pelotões, aerotransportados, beijos à namorada canadense, mensagens cifradas, um desenho abstrato sob o qual estava escrito “Warwick”, uma oração quase apagada, coisas assim. Em caligrafias diversas, os escritos faziam sentir o pulsar do velho pub, as agruras e alegrias, embarques para a morte e nascimentos, fins de caso e reconciliações, despedidas e comemorações.

Tudo aquilo me pareceu um bom presságio, embora eu estivesse perturbado pelo contraste entre minha pacata vida e o fulgor das experiências de Lucca, apreensivo com nossa semelhança física e um tanto deslocado no grupo. Ao final da noite, no entanto, todos éramos já velhos amigos, estávamos razoavelmente bêbados, e eu não tinha a mínima condição de saber por qual das duas mulheres estava mais apaixonado.

2

Na semana do Natal lá estava eu diante da escola de Fotografia. Seu nome agora não importa, bastando dizer que funcionava num caixote de concreto cinza com faixas vermelhas, destoando da arquitetura local. Um desastre arquitetônico cravejado no coração da cidade, como um tributo à feiura no solo regido pela beleza dos prédios históricos de Cambridge. Por quais influências obtusas uma escola dedicada a um ramo da Arte funcionava num lugar tão feio, não sei explicar. Era como uma provocação à harmonia da cidade. E, para saber por que razão ou falta dela construíram aquilo de forma tão avessa à Beleza, teríamos de pensar nos rumos tomados pela Arquitetura nos últimos cem anos, o que nos levaria a refletir sobre alguns dos grandes paradoxos da Humanidade. De